

Produção e Recepção de vídeo por licenciandos em Biologia: uma exibição no modo privado de leitura

Production and reception of a video by Biology undergraduate students: a private mode reading screening

Wagner Gonçalves Bastos

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES

wgnutes@gmail.com

Luiz Augusto de Coimbra Rezende¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES

luizrezende.ufrj@gmail.com

Américo de Araujo Pastor²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – NUTES

americoapj@gmail.com

Financiamento: (1) FAPERJ, (2) CAPES.

Resumo

Neste trabalho analisamos a recepção do vídeo educativo “Corpo humano e suas defesas – atitudes para uma vida saudável”, produzido por alunos de um curso de Licenciatura em Biologia, a fim de identificar os sentidos produzidos pelos alunos espectadores deste vídeo. Para a realização deste estudo, analisamos o vídeo, aplicamos um questionário investigativo aos produtores, e fizemos uma apresentação experimental para os alunos da mesma turma, seguida da aplicação de outro questionário. Os resultados mostraram diversos aspectos da recepção desta experiência. Por um lado, os alunos entenderam majoritariamente o vídeo da forma como este foi pensado pelos produtores. Por outro lado, apesar de compreenderem o vídeo e a intenção dos autores, foram capazes de manifestar diferentes posicionamentos críticos em relação à obra. Foi possível caracterizar também que a exibição do vídeo ocorreu de acordo com o modo privado de leitura (ODIN, 2005).

Palavras-chave: Vídeo educativo, estudos de recepção fílmica, ensino de Biologia.

Abstract

In this paper we analyze the reception of the educational video "Human body and its defenses - attitudes towards a healthy life", produced by students of a Bachelor's Degree in Biology. The objective was to identify the senses produced by the viewers of this video. For this study, we analyzed the video, applied an investigative questionnaire to the producers, and made a screening test with these students, after which another questionnaire was applied. The results showed several different aspects of this reception experience. By one hand, students

understood the video in the way it was designed by the producers. By the other, although the video and its authors' intentions were well understood by the students, they could posit themselves in a critical way. It was also possible to characterize that the screening occurred accordingly to the private mode reading (ODIN, 2005).

Keywords: Educational video, film reception studies, Biology teaching.

INTRODUÇÃO

Os filmes, assim como os livros, os telejornais, os comerciais de televisão e tantos outros produtos, são feitos para alguém com a finalidade de serem consumidos. Assim, a maioria das decisões sobre a narrativa estrutural de um filme, seu acabamento e sua aparência final é feita à luz de pressupostos conscientes e inconscientes sobre “quem” são os públicos espectadores, o que eles querem e como eles veem os filmes (ELLSWORTH, 2001). Tal situação não é diferente para o caso dos filmes científicos e educativos. Essas obras também se constroem a partir de pressuposições sobre quem é o seu espectador potencial, além das considerações sobre o conteúdo e o currículo. Essa relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador é chamada pelos teóricos do cinema de *modo de endereçamento*. Este conceito está baseado no argumento segundo o qual para que um filme “funcione” para um determinado público, o espectador deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme (ELLSWORTH, 2001).

Entretanto, tanto no cinema quanto nas escolas, os produtores audiovisuais estão distanciados dos espectadores “reais” ou “concretos”, e os espectadores que eles supõem existirem nunca são apenas ou totalmente quem “os filmes” pensam que eles são. Este é um dos motivos pelos quais os espectadores reais podem ler os filmes em direção contrária a seus modos de endereçamento. Tal possibilidade é problemática para a produção de sentido, já que pode levar a resistências às perspectivas ou aos conteúdos do filme (ELLSWORTH, 2001), e nos coloca uma questão importante para pensarmos o uso de filmes e vídeos na educação. Assim como os produtores de cinema não podem controlar a forma como os espectadores entendem o que é endereçado nos filmes, os professores também não podem controlar a produção de sentido que seus alunos, como espectadores, fazem quando assistem produções audiovisuais numa aula. Este problema não tem sido contemplado pelas pesquisas sobre o uso de audiovisuais na educação em ciências e saúde.

Para entendermos os limites e as potencialidades da utilização de recursos audiovisuais em sala de aula, precisamos analisar a experiência dos estudantes como espectadores nestes espaços. Precisamos conhecer que experiências lhes permitem criar resistência ou aceitação a produções e atividades educativas com audiovisual – ou mesmo às disciplinas escolares. Precisamos entender, entre outras questões, como a experiência prévia do aluno com o audiovisual interfere, facilitando ou dificultando seu aprendizado, tendo em vista que suas preferências e resistências podem vir a se evidenciar em sala de aula durante a exibição de um vídeo. Levando tais ideias em consideração, estudos de recepção audiovisual podem ser feitos para entender melhor como as atitudes dos alunos se desenvolvem frente aos mais diversos tipos de atividades e produções audiovisuais e como eles se posicionam, resistem ou aderem a essas atividades e produções.

Mas o que é um estudo de recepção? Um estudo de recepção parte da ideia segundo a qual o espectador ou receptor de uma obra audiovisual tem papel ativo e central na produção de sentido sobre esta obra. Assim, os estudos de recepção deslocaram inicialmente o problema de estudo do polo tradicional (o da produção) para o polo de consumo, da recepção, local de negociação e estruturação de significados (LEAL, 1995). No entanto, tendências mais contemporâneas têm apontado a necessidade de investimento em pesquisas que se

fundamentem em uma visão holística sobre o processo da comunicação audiovisual, como envolvendo de forma complexa e indissociável os dois polos, produção e recepção (DEACON, 2003).

Assim, os estudos de recepção na contemporaneidade têm destacado não só o papel ativo do espectador (no que diz respeito à produção de resistências e adesões) e criativo (no que diz respeito à produção de leituras variadas que se alimentam de referências diversas), mas também o grau de determinação e controle que pode ser exercido pelo produtor na maneira como ele endereça a obra ou como escolhe e delimita determinados “significados” e “leituras preferenciais”. Por isto estes estudos podem proceder a uma dupla investigação: de um lado, sobre as próprias características da obra e de sua produção, procurando identificar o “significado preferencial” pensado pelos produtores, isto é, o sentido por eles pretendido e desejado para a obra (HALL, 2003) e/ou o seu “modo de endereçamento” (ELLSWORTH, 2001). Por outro lado, procedem a um estudo propriamente dito sobre as leituras e sentidos produzidos pelos espectadores em diferentes dimensões ou níveis de relação e atribuição de significado e valor à obra. Além disso, pode-se também buscar identificar como um contexto determinado de exibição pode produzir variações sobre a forma como uma obra audiovisual é compreendida e experienciada, dando origem a diferentes modos de leitura (ODIN, 2005).

Este trabalho apresenta um pequeno estudo de recepção feito com alunos da Licenciatura de Biologia, de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro, na tentativa de investigar algumas das questões acima apontadas. Seus objetivos foram:

- Identificar o significado e a leitura preferenciais de um vídeo produzido por alunos e comparar com as leituras produzidas pelos alunos que o assistiram;
- Identificar o modo de leitura do audiovisual construído no contexto da atividade de produção e exibição de vídeos proposta nesta pesquisa; e
- Descrever e analisar as posições de leitura adotadas pelos alunos espectadores, nas dimensões de compreensão e discriminação, em relação ao vídeo produzido por colegas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Neste item, vamos apresentar em mais detalhes os principais conceitos utilizados nesta pesquisa: *leitura preferencial*, *posições de leitura* e *modos de leitura*, tais como esses são definidos por três autores principais (Stuart Hall, Kim Schrøder e Roger Odin).

Ao criar o Modelo de Codificação/Decodificação, Hall (2003) inaugurou um novo campo de estudos ao pensar a recepção fílmica (a decodificação). De acordo com Hall, as pesquisas mais tradicionais de comunicação de massa utilizavam modelos empíricos positivistas que entendiam a comunicação como um processo em que o emissor origina a mensagem, estruturada de forma completa sobre seu sentido, e o receptor apenas decodifica os códigos anteriormente estruturados pelo emissor. Nesse modelo, toda comunicação tenderia à perfeição, pois a mensagem produzida pelo emissor seria a mesma lida pelo receptor. Hall problematiza essa atividade de decodificação, mostrando como ela é complexa e plena de indeterminações e variáveis. Para Hall, nem a produção da mensagem, nem sua recepção são atividades transparentes, como pode parecer, uma vez que a mensagem pode ser multi-referencial e o receptor pode interpretá-la também de acordo com uma infinidade de sistemas de referência (social, cultural, profissional, ideológico, de escolaridade, etc.) que são, em geral, distintos dos referenciais usados na codificação. Este fato pode produzir uma diversidade de leituras e posições frente à obra audiovisual.

Para Hall, existiriam três posições possíveis de decodificação: dominante, negociada e de oposição. Todas essas posições se relacionam a como o espectador apreende o que ele entende como o significado preferencial da obra, tal como parece estar definido por seu produtor. Assim, o *significado preferencial* está mais ligado ao âmbito da codificação, representado pelo sentido adotado pelo produtor na elaboração da mensagem, e a *leitura preferencial*, à decodificação, não homogênea, em que ocorrem diferentes leituras, que correspondem à leitura realizada pela maioria dos espectadores (SCHRØDER, 2000).

Na leitura dominante, ocorre uma posição de transparência ideal e de equivalência entre codificação e decodificação, de tal forma que a leitura realizada pelos espectadores corresponde quase que perfeitamente ao significado preferencial do texto.

Na leitura de oposição (ou contestatória), existe o oposto – o espectador decodifica a mensagem retirando do texto uma leitura oposta ao significado preferencial. Ele olha as mesmas figuras, mas vê o outro lado delas.

Na leitura negociada, que segundo Hall é a mais comum, o espectador decodifica a mensagem dentro de um “espaço negociado”, preenchido por diferentes posições situadas entre a posição preferencial e a posição de oposição.

Schrøder (2000) amplia o modelo de Hall, incorporando outras dimensões de produção de sentido. Este modelo divide-se em dois grupos de dimensões de produção de sentido: grupo de “leituras” e grupo de “implicações”. Para ele, existem quatro dimensões de leitura – processos “interiores” de produção de sentido (em cada contexto e por cada leitor) no primeiro grupo:

1. **Motivação:** refere-se ao modo como os indivíduos estabelecem que uma determinada mensagem audiovisual merece ser lida, a como fatores diversos, cognitivos e afetivos, podem determinar a motivação para ler ou não dada obra, à relação de relevância estabelecida entre o universo pessoal do espectador e o universo apresentado pelo texto fílmico (SCHRØDER, 2000).
2. **Compreensão:** refere-se a como os espectadores compreendem signos verbais e visuais, como atribuem uma determinada identidade ao que veem/leem: como os signos são decodificados denotativa e conotativamente de acordo com fatores macrosociais (classe, gênero, raça) e microsociais (escolaridade, relações situacionais, cultura, etc.), como a imagem pode ser relacionada a um objeto ou representação (problema cognitivo da percepção visual).
3. **Discriminação:** refere-se a como os espectadores podem adotar ou não uma posição esteticamente crítica frente ao texto fílmico e a como e quanto uma determinada leitura está caracterizada por uma consciência sobre o caráter de “construção” e de “artifício” de todo produto audiovisual.
4. **Posição:** refere-se ao nível ideológico “subjetivo” (manifestado pelos sujeitos) e a como os espectadores se posicionam pessoalmente em relação ao sentido que compreendem da mensagem.

O segundo grupo, o das “implicações”, está relacionado com a possibilidade de utilização do significado social das leituras como ferramenta para ações políticas.

Além destes pontos, o contexto de exibição de uma obra audiovisual também é relevante para os estudos de recepção. Segundo Odin (2005), de acordo com o contexto de exibição de um filme, o espectador recebe imposições de leitura dependentes das instituições – escolar, familiar, científica, profissional, a que este contexto estiver submetido. Assim, ver um filme

numa aula de Biologia, por exemplo, sugere o uso de uma leitura distinta da que ocorreria se o mesmo filme fosse visto no cinema, em outro espaço ou com outra finalidade.

Ainda de acordo com Odin (2005), um público, isto é, um conjunto de indivíduos reunidos pela construção de um sistema de modos de produção de sentido, é uma comunidade de fazer. Ao ver um filme, esse público costuma mobilizar vários modos de produção de sentido. No entanto, o filme não tem muito peso diante das imposições do contexto, na escolha dos modos de produção de sentido. De um mesmo filme-projeção podem nascer diferentes filmes-textos, de acordo com o público que o vê. Em alguma medida, é o contexto que constrói o público.

Sol Worth (*apud* Odin, 2005), concorda com Odin, indicando que um filme não tem sentido em si, mas adquire sentido apenas na sua relação com um sujeito que percebe. A construção do texto por este espectador é feita sob a pressão de determinações que o tomam, sem que frequentemente tenha consciência desse fato. Esse sujeito não é livre nem individual, pois compartilha com outros algumas imposições. Existe assim, em função das limitações compartilhadas por ele, não apenas um, mas vários públicos distintos.

Um filme geralmente fornece indicações dos modos que deseja que sejam utilizados para sua leitura. Essas indicações podem se apresentar em alguns elementos de seu conteúdo, em sistema predeterminado de estilos ou em seu modo de endereçamento. Mas tudo isso deve ser relacionado e analisado de acordo com as imposições do contexto de visualização do filme (ODIN, 2005). Esse autor caracteriza um conjunto de nove modos de produção de sentidos:

1. Modo espetacular: ver um filme como um espetáculo.
2. Modo ficcionalizante: ver um filme para vibrar ao ritmo dos acontecimentos fictícios narrados.
3. Modo fabulizante: ver um filme para receber um ensinamento da narrativa.
4. Modo documentário: ver um filme para obter informações sobre a realidade das coisas do mundo.
5. Modo argumentativo/persuasivo: ver um filme para poder elaborar um discurso.
6. Modo artístico: ver um filme como sendo a produção de um autor.
7. Modo estético: ver um filme se interessando pelo trabalho feito com as imagens e os sons.
8. Modo energético: ver um filme para vibrar ao ritmo das imagens e dos sons.
9. Modo privado: ver um filme voltando-se para sua vivência e/ou a do grupo ao qual se pertence.

Para identificar o modo de leitura do vídeo utilizado, de acordo com o modelo de Odin (2005), será preciso analisar o contexto de sua exibição e as implicações desse contexto na produção de sentido feita pelos alunos espectadores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESENHO DO ESTUDO

Neste trabalho pesquisamos a produção e a recepção de um vídeo produzido por licenciandos em Biologia. Para estudar a produção, analisamos as respostas dadas por seus produtores a um questionário, além de analisarmos o vídeo que fizeram. Para estudar a recepção, fizemos uma exibição do vídeo e aplicamos outro questionário, aos espectadores.

A turma de licenciandos e o contexto do estudo

Neste estudo, uma atividade de produção e exibição de vídeos foi proposta a uma turma de 35 alunos do 4º período do curso de Licenciatura em Biologia de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro, todos na faixa etária dos 20 anos. O professor da disciplina “Laboratório de Ensino de Biologia IV”, um dos autores deste estudo, propôs como tema a ser explorado pelos alunos “Corpo humano e suas defesas – atitudes para uma vida saudável”. A turma foi devidamente dividida em cinco grupos de sete alunos cada¹. A pedido do professor, os vídeos foram produzidos com endereçamento para alunos de ensino médio, na faixa etária de 15 a 18 anos, para serem apresentados como ferramenta auxiliar de ensino, em aulas de Biologia cujo tema abordado fosse a saúde. Cada grupo produziu um vídeo sobre o tema. Embora o tema fosse o mesmo para todos os grupos, produziram-se vídeos bem diferentes. A data de apresentação destes vídeos foi agendada na primeira aula, para o final do semestre.

Antes da apresentação dos vídeos feitos pelos diferentes grupos, os alunos responderam a um primeiro questionário em que deveriam informar, entre outras questões, sobre o objetivo do vídeo que produziram e como avaliaram sua produção. Esse questionário pedia identificação do aluno, o que permitiu mais tarde investigar o objetivo do vídeo utilizado no estudo de recepção e o significado preferencial, de acordo com seus autores.

Após todos os vídeos terem sido exibidos e vistos por todos os alunos, foi feito um sorteio para determinar qual vídeo seria novamente apresentado, para participar do estudo de recepção. Os alunos que não participaram da produção do vídeo foram convidados a responder um novo questionário, após a segunda exibição do vídeo, que pretendia investigar que mensagem foi transmitida pelo vídeo, o que entenderam (ou não) sobre ele e, ainda, como avaliaram tal produção, tendo em vista o conhecimento que já possuíam sobre o assunto. Esse questionário não pediu identificação do respondente.

Como a apresentação dos vídeos foi feita em sala de aula apenas para alunos da disciplina e o professor, e como todos estes alunos tinham participado pelo menos da atividade de produção de um vídeo, pode-se deduzir que o público deste estudo tinha algum tipo de experiência sobre produção audiovisual e, principalmente, sobre o tema abordado nos vídeos. Além disso, esses alunos assistem juntos a outras disciplinas do curso e, em alguns casos, mantêm entre si vínculos afetivos.

Descrição do Vídeo Pesquisado

O vídeo pesquisado neste estudo tem 12 minutos de duração e foi produzido por seis alunas.

Em sua tela de abertura, o vídeo dá um recado ao público: “Tenha atitudes positivas e viva mais...”. A seguir, apresenta dois episódios. No primeiro, com quatro minutos de duração, são mostradas “atitudes que não devemos tomar se quisermos viver mais e melhor...”. No segundo, com quatro minutos e 25 segundos de duração, são mostradas as “atitudes para manutenção de uma vida saudável...”.

Os dois episódios foram gravados em tom sépia, que dá um aspecto de antiguidade ao vídeo, simulando ações no passado. Ambos mostram cenas do cotidiano de uma família, com atitudes dos pais em relação a uma filha, logo após seu nascimento, durante a infância e na juventude, e as consequências para a sua vida adulta. As atrizes são as alunas produtoras do vídeo, vestidas com figurinos variados, correspondentes a cada um dos personagens encenados, desempenhando inclusive os papéis masculinos.

¹ Um desses alunos abandonou a disciplina antes do término do semestre, fazendo com que um grupo ficasse com menor número de componentes.

As autoras procuraram tornar as cenas engraçadas, cômicas, para cativar o público a que se destinava o vídeo, composto por adolescentes (segundo depoimento informal dado por elas). Não há diálogos nos episódios e ambos são intercalados por quadros que indicam as situações temporais encenadas. Uma música de fundo acompanha as cenas. Cada episódio apresenta uma música diferente – mais intensa, no primeiro e mais tranquila, no segundo.

O primeiro episódio tenta mostrar que a permissividade dos pais na criação dos filhos, ao facilitar seu acesso a bebidas alcólicas e fumo, assim como noites com poucas horas de sono, poderia se refletir em hábitos pouco saudáveis na fase adulta e a problemas de saúde na velhice.

Esse episódio começa com uma mulher sentada na cama de seu quarto, segurando o filho recém-nascido ao colo e o marido em pé ao seu lado, procurando com movimentos das mãos, chamar a atenção da criança. Essa cena é breve, sendo substituída por um quadro que indica mudança para a infância. Na nova cena, que se passa na sala da casa, a mãe está deitada no sofá e a filha brinca no chão com um urso de pelúcia. Neste momento chega seu pai e ela se levanta, corre em sua direção e o abraça efusivamente. O pai lhe entrega o que parece ser um pequeno presente, talvez uma revista infantil, e logo depois se dirige à mãe. Gesticulando muito, parece desaprovar o fato de ela estar deitada no sofá sem dar muita atenção à filha que, neste momento, caminha até perto dela e volta a se sentar no chão com o urso e o presente nas mãos. A mãe se levanta e atira uma almofada que estava no sofá, em direção à filha. Essa cena é, então, substituída por novo quadro indicando mudança para a juventude.

A nova cena começa com a imagem de um relógio na parede indicando “11:35h”, sem que se possa determinar pelo contexto inicial se é dia ou noite. A câmera muda seu foco para o sofá, onde se observa a mãe deitada e a filha, agora já adolescente, sentada no braço do sofá, à frente dos pés de sua mãe. Neste momento a filha se vira, retira um celular da mesa de canto que se encontra ao seu lado e atende a uma chamada. A câmera aproxima o foco da filha que, após atender ao telefone, o devolve à mesa. A seguir toca na perna da mãe e faz um gesto indicando que vai sair. A mãe, então, se levanta, coloca seus óculos e vai verificar as horas no relógio da parede. A seguir balança o dedo negativamente, indicando que a filha não pode ou não deve sair, pois não é mais hora. A filha dá de ombros, pega o celular na mesa de canto e se movimenta para sair. Neste momento ocorre nova mudança de cena.

Na cena seguinte a filha já aparece na sala de outra casa, com mais três amigas, dançando e fumando. Logo a seguir chega um rapaz trazendo uma garrafa de bebida, provavelmente alcólica, que oferece e compartilha no gargalo, com o grupo. A cena termina, sendo trocada por um quadro que indica nova mudança, agora para a fase adulta.

Nesta nova cena a filha, já adulta, ao chegar em casa se dirige ao sofá da sala, tira uma garrafa de bebida alcoólica de sua bolsa, serve-se num copo que já estava na pequena mesa de canto, bebe metade de seu conteúdo e a seguir acende um cigarro. Coloca sua bolsa no chão, dá um trago no cigarro e deita-se no sofá. A câmera aproxima para mostrar nova tragada no cigarro e depois a mostra já dormindo, deitada de lado no sofá. A cena é encerrada e novo quadro indica que os anos se passaram, nos remetendo para o “final”.

Nova cena se abre, agora mostrando uma mulher idosa, curvada, usando óculos e bengala, entrando na sala e sentando-se no sofá. Ela coloca uma das mãos nas costas, na altura da cintura, parecendo sentir dor e logo depois começa a tossir. Coloca a mão na testa e a cena termina, encerrando o 1º episódio.

O segundo episódio pretende indicar que a atenção dos pais na infância dos filhos, poderia levá-los a adquirir bons hábitos de vida na adolescência, como a regularidade nas horas de sono, promovendo uma vida com hábitos saudáveis na fase adulta e na velhice.

Esse episódio começa com a mesma cena inicial do primeiro. No entanto, ao trocar para a cena da infância, mostra a mãe sentada ao sofá, vestindo um avental sobre as roupas, com um prato e grande colher ao colo, talvez realizando alguma atividade doméstica. Sentada ao seu lado está a filha, com um livro aberto em seu colo, que ambas leem. Neste momento chega o pai, que beija a testa da mulher e da filha e se senta ao seu lado para compartilhar dessa leitura. A cena termina e novo quadro nos remete à juventude.

A nova cena começa com a imagem do relógio indicando “9:23h”. O foco da câmera muda para a filha no banheiro, em frente a uma pia com armário superior, com espelho, já com escova de dentes e creme dental nas mãos. A seguir ela escova os dentes, guarda os objetos no armário e sai em direção a seu quarto. No caminho, ao passar pela sala, para por um instante para conferir as horas no relógio da parede, se espreguiça e, então, segue para sua cama, onde se deita e fecha os olhos. A cena termina e novo quadro nos remete para a fase adulta.

Nesta nova cena a filha chega ao consultório de uma médica, com os resultados de exames na mão. Com um gesto a médica a convida a se sentar no sofá. Sentada ao seu lado, a médica faz uma leitura desses exames, ausculta a paciente com o estetoscópio, com gestos indaga se ela bebe ou fuma, recebendo como resposta um sinal de dedo indicando que não. Aponta, então, para os exames e com um sinal de polegar indica que está tudo bem. Ambas se levantam, se abraçam e a paciente sai. A cena muda para a filha já em casa, sentada no sofá, lendo um livro e comendo uma maçã. Um novo quadro surge, indicando que os anos se passaram e que vamos ao final.

Na cena final observamos uma mulher idosa, fazendo ginástica em seu quarto, orientada por outra mulher. Os exercícios procuram mostrar que ela tem equilíbrio, podendo se apoiar com apenas uma das pernas e a ajuda da bengala, e que tem força muscular. A cena termina com ela exercitando os braços com pequenos pesos. Com isso se encerra o 2º episódio.

Após os episódios, uma voz em *off* sobreposta a uma sequência de imagens coloridas, de alimentos como frutas diversas e bebidas como sucos, slogans e diferentes ações humanas, tais como fazer exercícios variados, caminhar, correr, nadar, pedalar, ler, fumar, beber bebidas alcólicas, procura mostrar que determinados hábitos podem ser diretamente responsáveis pelo aumento ou pela redução da expectativa de vida e de sua qualidade. O recurso usado neste trecho é apenas a sobreposição das imagens em sequência ao som da narração. Ao final são indicados os créditos, o elenco de cada episódio, e uma foto do grupo finaliza a apresentação.

RESULTADOS

Sobre a produção do vídeo

Do primeiro questionário foram consideradas apenas três questões², relacionadas com este estudo, tendo em vista que as demais eram apenas de identificação e caracterização dos alunos. Foram analisadas as questões: 1) como você fez a escolha de imagens sobre o tema, durante a atividade de produção do vídeo? Fez roteiro?; 2) como foi para você essa experiência e como você avalia sua própria produção? e 3) que mensagem você quis passar com o vídeo que fez?.

² Do questionário 1, foram consideradas apenas as questões 15, 16 e 17.

A análise das respostas dadas pelas produtoras do vídeo às questões do questionário 1 e do próprio vídeo tornou possível verificar respectivamente que:

- O grupo fez um roteiro para produzir o vídeo. As imagens apresentadas em sua parte final foram obtidas da internet e escolhidas de acordo com o entendimento das alunas sobre o conteúdo abordado, funcionando como ilustração do que era dito pelo narrador. Essas imagens procuravam enfatizar hábitos de vida saudáveis, como ler, pedalar, nadar, se alimentar com frutas variadas e sucos, e não saudáveis, como fumar e beber bebidas alcóolicas.
- De acordo com todas as componentes do grupo, a experiência de criação do vídeo foi muito boa, proveitosa e divertida. Acreditam que sua produção foi amadora, já que foi uma experiência nova para todas, embora se considerem surpresas com o resultado final.
- A mensagem que imaginaram mostrar (seu significado preferencial) era a de como uma pessoa pode incorporar hábitos no seu dia a dia e contribuir para melhorar sua qualidade de vida. Tentaram, ainda, mostrar os benefícios de hábitos saudáveis e os malefícios dos hábitos não saudáveis, e as consequências de ambos na velhice.
- Na tentativa de acertar o endereçamento proposto pela atividade, conforme citado acima, as produtoras usaram linguagem simples, com vocabulário do cotidiano da maioria dos adolescentes, compatível com esta faixa etária e grau de escolaridade, evitando termos técnicos de difícil compreensão para alunos do ensino médio. Tentaram produzir um vídeo abordando etapas de vida, incluindo a adolescência, que fosse engraçado e que pudesse, assim, cativar o público e fazer com que se identificasse com os personagens e o enredo. O uso desse tom parodístico, segundo depoimento informal das autoras, foi proposital.

Sobre a recepção do vídeo

Como dito anteriormente, após a reapresentação do vídeo para a turma, foram convidados 28 alunos que não participaram de sua elaboração, para responder ao segundo questionário. Nem todos o responderam de forma completa.

As respostas obtidas à primeira pergunta estão anotadas na tabela 1. Esta pergunta tinha como objetivo identificar a leitura preferencial do vídeo para compará-la com seu significado preferencial, fornecido pelas autoras. Os resultados obtidos foram os seguintes:

TABELA 1 – Respostas à pergunta 1: “Que mensagem foi transmitida pelo vídeo que você assistiu?”

PADRÕES DE RESPOSTAS	FREQUÊNCIA
A importância de manter hábitos saudáveis	65%
A relação entre hábitos, atitudes e uma vida saudável	31%
Que é possível escolher sua qualidade de vida	4%

A segunda pergunta: “O que você entendeu (ou não) sobre ele?”, tinha como objetivo identificar a dimensão de compreensão. Suas respostas estão categorizadas na tabela 2.

TABELA 2 – Respostas à pergunta 2: “O que você entendeu (ou não) sobre ele?”

PADRÕES DE RESPOSTAS	FREQUÊNCIA
As atitudes adotadas refletem na qualidade de vida	50%
Como manter hábitos saudáveis	16,5%
As ações que ocorrem no lar, se refletem no comportamento	4%
Há relação entre a saúde mental e as ações das pessoas	8,5%
O vídeo é confuso (várias razões: não possuir falas nem legendas, não entender quem eram os atores, nem se a ação ocorria de noite ou de dia, etc.)	21%

A terceira pergunta tinha como objetivo identificar a dimensão da discriminação. As respostas apresentadas estão listadas por grupos na tabela 3.

TABELA 3 – Respostas à pergunta 3: “Tendo em vista seu conhecimento sobre vídeos, como você avalia essa produção?”

PADRÕES DE RESPOSTAS	FREQUÊNCIA
Muito boa ou boa	32%
Criativa / Cômica / Inteligente	28,5%
Regular / Cansativo	18%
Poderia ser melhor (razões variadas: transições entre cenas, som, falta de legendas, posições da câmera, etc.)	21,5%

DISCUSSÃO

Nesta seção trataremos da discussão quanto à identificação do significado e leitura preferenciais, da identificação do modo de leitura do vídeo, e descreveremos e analisaremos as posições de leitura adotadas pelos espectadores nas dimensões inicialmente propostas.

Significado preferencial

Pela desconstrução do vídeo, percebe-se que o primeiro episódio procura mostrar que a permissividade dos pais na criação dos filhos, facilitando seu acesso a bebidas alcólicas e fumo, assim como a noites com poucas horas de sono, poderia se refletir em hábitos pouco saudáveis na fase adulta e a problemas de saúde na velhice. Já o segundo episódio procura indicar que a atenção dos pais na infância dos filhos, durante sua criação, estimulando o estudo e a leitura, poderia levá-los a apresentar bons hábitos de vida na adolescência, como a regularidade nas horas de sono, promovendo uma vida com hábitos saudáveis na fase adulta e na velhice.

A sequência de imagens de alimentos e bebidas diversas e de diferentes ações humanas, que sucedem os dois episódios iniciais, procura mostrar que determinados hábitos podem ser

responsáveis diretos pelo aumento ou pela redução da expectativa de vida e de sua qualidade, já que poderiam trazer benefícios (as boas atitudes) ou prejuízos (as atitudes ruins).

Pela análise das respostas das autoras ao questionário 1, concluímos que o significado preferencial do vídeo é alertar o espectador de que pode incorporar hábitos no seu dia a dia e contribuir, assim, para melhorar sua qualidade de vida, e também para as consequências na velhice, dessa incorporação de hábitos saudáveis ou de hábitos não saudáveis.

Esse objetivo foi buscado por vários caminhos: 1) ao levar o aluno a comparar os dois episódios do vídeo, que remetem a diferentes estados de saúde alcançados na velhice. Ao usar um tom parodístico, as autoras tentaram cativar os alunos e fazer com que se identificassem com a personagem que representa a filha do casal, e que assim preferissem o “final feliz”, alcançado pela adoção de hábitos saudáveis de vida; 2) ao tentar cativar os alunos pela visualização das imagens de pessoas saudáveis, felizes, em atividades variadas e seu vínculo com outras imagens, de frutas e sucos coloridos, com aparência saborosa; 3) ao afirmar que fumo e bebidas alcólicas representam hábitos não saudáveis que são prejudiciais à saúde.

Leitura preferencial

A análise das respostas à primeira pergunta do questionário 2 permitiu investigar a posição de leitura adotada pelos espectadores. Pela análise dessas respostas, percebe-se que a maior parte dos espectadores fez uma leitura na posição dominante, entendendo a mensagem como originalmente proposta pelas autoras.

Isso se confirma pela verificação de que 65% dos alunos entendeu que a mensagem transmitida pelo vídeo foi “a importância de manter hábitos saudáveis”. Além disso, 31% acreditam que foi “a relação entre hábitos, atitudes e uma vida saudável”.

Essas duas classes de respostas, num total de 96% dos alunos, está de acordo com o significado preferencial pensado pelas autoras do vídeo. Ou seja, a leitura preferencial, aquela adotada pela maior parte dos alunos, segundo Schröder, coincide com o significado preferencial pretendido pelas autoras do vídeo.

Modo de leitura

Depois de analisar o vídeo escolhido e o contexto de sua exibição, e utilizando o modelo de Odin (2005), acreditamos que foi adotado o *modo privado de leitura*, já que, de acordo com este autor, qualquer filme rodado em um grupo e exibido a esse mesmo grupo, funciona neste modo de leitura.

Deve-se igualmente ter em vista que o audiovisual escolhido foi visto por todos os alunos dessa turma, em sala de aula, que todos já se conheciam e faziam parte do mesmo grupo, e que todos os vídeos foram previamente apresentados, permitindo que cada grupo observasse a produção dos demais. A produção e a apresentação do vídeo eram atividades da disciplina das quais todos deveriam participar. Seu conteúdo biológico era do conhecimento de todos e os vídeos apresentados pouco acrescentaram a este conhecimento prévio. Além disso as autoras do vídeo eram também as atrizes, representando personagens de ambos os sexos e de forma parodística, o que fez a turma rir das cenas e produzir anedotas de sentido privado, talvez por reconhecer as colegas vivenciando essa situação.

Isso pode ser confirmado pela análise das respostas à 3ª pergunta do questionário 2, que reforça este entendimento, ao evidenciar a grande aceitação do vídeo pelos alunos – 32% o citam como sendo uma produção boa ou muito boa e 28,5% como sendo criativa/cômica/inteligente. Valores tão altos para o tipo de vídeo produzido provavelmente devem-se ao fato de sua exibição ter sido feita para pessoas com algum tipo de vínculo com os produtores,

como foi o caso da turma que o assistiu. Além disso, como os personagens do vídeo eram representados pelas próprias alunas que o produziram, tal fato deve ter condicionado a leitura como a de um vídeo de amigos, o que pode aumentar sua aceitação no grupo.

Posições de leitura

Ao analisar as respostas à segunda pergunta, foi possível identificar as posições de leitura adotadas pelos espectadores na dimensão de compreensão (modelo multidimensional de análise de recepção de Hall/Schrøder). Essa análise nos faz acreditar que a maioria dos alunos adotou uma posição dominante de leitura, compreendendo o filme da forma pensada pelas autoras, mesmo tendo sido apresentados dois episódios sem falas dos atores e apenas com quadros evidenciando momentos da ação. Alguns alunos, no entanto, apresentaram alguma divergência quando citaram “que há relação entre a saúde mental e as ações das pessoas”, ou que “o vídeo é confuso (por várias razões)”.

A análise da terceira pergunta deste mesmo questionário permitiu investigar as posições de leitura adotadas pelos alunos na dimensão de discriminação. Como esta pergunta não foi bem entendida por todos, comprometeu o resultado no conhecimento desta dimensão.

Ao se fazer essa análise, percebe-se que a maioria dos alunos adotou uma postura de imersão/não distanciamento do vídeo, quando enxergam a produção como muito boa ou boa, criativa, inteligente. Alguns alunos, no entanto, mostraram uma postura de distanciamento, quando afirmam que, por várias razões, o vídeo poderia ser melhor, ou que foi regular.

CONCLUSÃO

É comum a utilização de vídeo educativo como ferramenta auxiliar no ensino de ciências e saúde, por professores de ensinos fundamental e médio, tornando importante o entendimento de sua dinâmica de produção e de recepção.

Em relação ao vídeo analisado, concluímos que a leitura preferencial feita pelos alunos espectadores está de acordo com o significado preferencial pensado por suas autoras. No entanto, a produção dessa leitura preferencial pode ter sido facilitada pelo fato destes alunos terem produzido vídeo semelhante, abordando o mesmo tema, e por já conhecerem previamente o assunto. Sugerimos que essa leitura seja investigada em nova turma, composta por alunos de uma escola de ensino médio, para a qual o vídeo foi planejado.

Quanto ao modo de leitura do vídeo analisado, verificamos que foi adotado o modo privado, por conta do contexto de sua exibição. Apresentado para uma turma de ensino médio, provavelmente resultaria em outro, ou outros, modos de leitura.

A maioria dos alunos espectadores desse vídeo adotou uma posição convergente de leitura, compreendendo-o da forma pensada por suas autoras, e na dimensão de discriminação, adotou uma postura de imersão/não distanciamento do vídeo. Sugerimos, mais uma vez, sua exibição para nova turma, de ensino médio, para verificar as posições desses alunos, nas dimensões de compreensão e discriminação e compará-las com as obtidas neste estudo.

Para finalizar é importante assinalar o grau de dificuldade de se fazer um estudo de recepção audiovisual como este. Apenas com a repetição deste tipo de estudo em novas situações, se tornará mais fácil entender as múltiplas questões relacionadas à recepção fílmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLSWORTH, E. “Modos de endereçamento: uma coisa de cinema”, in SILVA, T. T. (org.). **Nunca fomos humanos: metamorfoses da subjetividade contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DEACON, D. Holism, communion and conversion: integrating media consumption and production research. *Media, Culture & Society*, v.25, n.2, p.209-231, 2003.

LEAL, O. F. Etnografia de audiência: uma discussão metodológica, in SOUZA, M. (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HALL, S. Codificação/Decodificação, in **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ODIN, R. “A Questão do público: uma abordagem semiopragmática”, in RAMOS, F. (org.). **Teoria Contemporânea do Cinema – Volume II**. São Paulo: Senac, 2005.

SCHRØDER, K. “Making sense of audience discourses: Towards a multidimensional model of mass media reception”. **European Journal of Cultural Studies**, Sage: 2000.